

Entrevista: organizador do livro Intérpretes do Brasil, Luiz Pericás

1 - Quais foram as motivações na organização do livro?

O livro foi idealizado três anos atrás. O objetivo inicial era mostrar as visões alternativas de Brasil, elaboradas por intelectuais muitas vezes deixados de lado pelo *establishment* acadêmico. Depois, decidimos incluir também os “clássicos”, aqueles já consagrados e considerados fundamentais como “intérpretes” da realidade nacional. Ou seja, achamos que era importante mostrar um panorama mais amplo do pensamento social brasileiro, para que o leitor tivesse, de um lado, uma ideia abrangente das diferentes abordagens de nosso processo histórico, e de outro, que pudesse perceber a riqueza dos debates ao longo de várias décadas do século XX, um debate que envolveu teóricos de extração política e ideológica bastante variada.

2 - Por que o Partido Comunista do Brasil (PCB), a Semana da Arte Moderna e o movimento tenentista foram cruciais para a reviravolta política, social e cultural no Brasil de seu tempo? Há uma relação de causa e efeito

entre a Revolução Bolshevik, no ano de 1917, e a mudança de comportamento intelectual na sociedade civil brasileira? Qual?

O primeiro intelectual discutido no livro é Octavio Brandão, autor de *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*, um livro pioneiro, ainda que posteriormente muito criticado. É verdade que Brandão fará uma tentativa de analisar a situação do país a partir de uma aplicação esquemática da dialética, mas ele será o primeiro pecebista a produzir, na década de 1920, uma obra que discutia e analisava o quadro nacional e os combates sociais de sua época (incluindo a presença do imperialismo no Brasil) e que, ao mesmo tempo, também sugeria as vias para o triunfo das forças populares (ainda que insistisse no modelo da Internacional Comunista sobre a questão “feudal” ou de “resquícios feudais”, algo comum na época entre os adeptos da linha propugnada por Moscou). O fato é que a revolução de Outubro e a fundação do Comintern estimularam a fundação de PCs em todo o continente, os debates se intensificaram, as lutas sociais ganharam organicidade e as ideias marxistas tiveram uma circulação muito maior. De José Carlos Mariátegui a Julio Antonio Mella, intelectuais de diferentes países da América Latina foram influenciados pelos eventos na Rússia,

ajudando a constituir partidos, organizar sindicatos e lançar publicações que aprofundavam as discussões sobre os caminhos ao socialismo e a formação nacional dos distintos países do continente. A década de 1920, portanto, foi muito rica em debates e na produção de obras interpretativas seminais, dentre as quais, *Seis ensaios em busca de nossa expressão*, de Pedro Henríquez Ureña, *La justicia del inca*, de Tristán Maróf, *La raza cósmica*, de José Vasconcelos e *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, de Mariátegui. No Brasil todo esse movimento internacional não podia passar despercebido. E agregado a isso, a efervescência artística e as lutas políticas que agitavam o país, com o modernismo de um lado, e o tenentismo de outro, buscavam canais para tirar o país do atraso social e cultural em que se encontrava. A luta para superar os impasses históricos da nossa formação e agregar ao conjunto da nação os setores menos privilegiados (dando centralidade e protagonismo ao proletariado rural e urbano) teriam no PCB, a partir daquela década, um elemento novo, que traria para a discussão da revolução brasileira indicações de mudanças inspiradas nos bolcheviques e na obra de Marx, Engels, Lênin e vários outros. Por isso, dentro do partido, homens como Brandão, Astrojildo Pereira, Heitor Ferreira Lima, Leôncio Basbaum (só para citar alguns), tentariam cumprir simultaneamente o papel de “intelectuais” e

“homens de ação” (é só lembrar de *A caminho da revolução operária e camponesa*, de Basbaum, por exemplo). O mais sofisticado deles, sem dúvida, foi Caio Prado Júnior, que ingressa no PCB no começo da década de 1930, e publica seu *Evolução política do Brasil* em 1933 (nos anos 1940, lançaria outros dois clássicos, *Formação do Brasil contemporâneo* e *História econômica do Brasil*). Essa tendência continuaria. Afinal, ao longo do tempo, estudiosos do porte de Nelson Werneck Sodré também dariam contribuições valiosas (como o seu *Panorama do Segundo Império*, por exemplo), que devem ser lembradas aqui.

3 - O que diferencia o pensamento exposto por Octávio Brandão de Rui Barbosa e Coelho Neto, estes que são intelectuais consagrados de sua época?

Brandão era um *revolucionário*, um *marxista*, que se alinhava a Moscou e às diretrizes da Internacional Comunista, que buscava a destruição do Estado burguês e a transformação socialista da sociedade brasileira. Ele chegou a viver na União Soviética, como outros membros importantes do partido, como Luiz Carlos Prestes, Heitor Ferreira Lima e mais tarde, Jacob Gorender, mostrando (ainda que pudesse ter suas discordâncias) a importância que dava à URSS e à experiência bolchevique. Ele segue,

portanto, uma linha política e ideológica muito distinta dos autores mencionados. Não é possível compará-los. A vida, a obra, o estilo de escrita e a visão de mundo de Brandão, Barbosa e Coelho Neto são muito diferentes. Sem contar com o fato de serem de gerações distintas. As trajetórias de Rui Barbosa e Coelho Neto terminavam quando a de Brandão, que era muito mais jovem que eles, apenas começava. E seria dedicada ao comunismo e à luta revolucionária.

4 - Como você percebe a relevância do estudo do Pensamento Social Brasileiro de maneira geral, e de maneira específica, destes autores no livro abordados para uma melhor compreensão do papel do Brasil no mundo?

O estudo do pensamento social brasileiro é fundamental para que possamos compreender nosso passado (ou seja, buscar as raízes de nossos dilemas históricos), com o intuito de superar as “permanências” das mazelas seculares do Brasil que se manifestam ainda hoje, que vão do latifúndio e burocratismo até o racismo e a desigualdade social. É verdade que os intelectuais discutidos no livro têm distintas origens sociais, formas de encarar a realidade nacional e diferentes soluções para o país. Em outras palavras, alguns foram essencialmente

militantes e dirigentes políticos, inclusive autodidatas; outros atuaram dentro das universidades; e alguns, fizeram parte da máquina do Estado ou de organismos internacionais. Mas todos, invariavelmente, tinham um profundo comprometimento com o Brasil, com o desenvolvimento, com a melhor distribuição de renda, com a reforma agrária e com a elevação do nível educacional e cultural da população. Uns procuravam os remédios em reformas legislativas e institucionais; outros, em processos revolucionários radicais, profundos. Ainda assim, eles nos mostram a necessidade imperiosa de entender os mecanismos e variáveis políticas e econômicas que operaram no país, a configuração de classes e estamentos, as relações étnico-culturais, a atuação de forças endógenas e externas no ambiente nacional, a questão agrária e outros elementos que fazem parte de nossa história, para poder cambiar nossa realidade.